

NOMEIRO

Lumo Carmo

Vagabundo, Vladimir mora num bairro nômade de nome. “O poeta”, a vizinhança chama-o e conhece-o. Seu ócio é passado pensando que palavra porá em seguida nalgum verso dos tantos poemas. Uma vez ou outra é visto andando lá para baixo, pela cidade, único lugar com papelaria vendendo os modelos favoritos de lápis e caneta. Volta de cara feia, mal-encarando os conterrâneos, resmungando pra si mesmo coisas que tentam adivinhar mas não conseguem, o que alimenta e enriquece tanto o mais os boatos sobre si. Chamam-no de Vladimir, e ele enfurece; melhor é o epíteto.

Em outro local, um casal bradava aos quatro cantos e dois hemisférios da casa, debatendo sobre o nome a escolher, afinal, para a filha que previram nascer no mês seguinte. A esposa, Helena, cuspiu nomes lavando louça, cozinhando, na cosa, varrendo a casa, etc, etc, incitando o marido, Joaquim, outrora tranquilo, a rebater com mais nomes, agora pasmo com a capacidade de ela surgir com títulos cada vez mais estranhos.

Nos eventos sociais, culturais, reuniões, foliões e afins, onde se encontravam com conhecidos ou parentes, até desconhecidos, porventura comentavam da filha que virá. Instintivamente os consortes afloravam a criatividade tanto quanto eles e um atrás do outro vomitavam dizeres exóticos.

— Então, Catarina até que é um bom nome pra filha, não acha, não?

— Catrina?!

— Não... Ca-ta-ri-na.

— Não te um tufão de nome Katrina?

— Se não me en—

— Porra... enlouqueceu, Marcelo?! Tá achando que vou botar o nome de um desastre natural na minha filha?!

Por fim consentiram que recusariam, de uma forma ou de outra, o que seus parentes e amigos palpitavam. Só um basta cessaria as discussões em definitivo, mas, que basta?

A filha ainda não tinha nome e os dias para sua vinda contavam-se cada vez menos. Foi na manicure que, conversando com duas mulheres, uma terceira

invade e toma a conversa do trio, recomendando à Helena um tal de “poeta”. Eu tenho que pagar, Sim, sim, tem sim, Que horror, por causa de um nome, Mas a vizinhança toda diz que ele é bom, e eu posso te auxiliar, uma amiga minha consultou ele para o nome do filho, Ficou qual nome, Ismael...

Ideia matutada, pesou a decisão de pô-lo nas mãos dum estranho. Assaltou Joaquim à deriva na poltrona assistindo TV e falou-lhe da mulher na manicure. Joaquim confiava tampouco quanto ela, porém Helena usou de seus sortilégios convencendo o homem a saber mais a respeito. E ele relutou, ela disfarçou, ele insistiu mas, no fim, foi pela filha.

Lá se foi Joaquim sem direção. Numa casa ao lado, uma moça na janela botava roupa na corda, e logo que viu Joaquim inerte não parou de encará-lo. Subitamente perguntou-o se procurava o seu Vladimir, Quem é esse, indagou, e ela explicou toda a história do poeta tal qual chegou ao seu ouvido, indo desde a emancipação da cidade, passando pela Tropa do Fim do Mundo de sua juventude, até chegar a uma crise dos trinta anos para acabar no decrépito Vladimir: só, duro, desempregado, louco, renascido como um *zahir* das palavras. Em um momento da conversa os pensamentos de Joaquim tentaram acompanhar o ritmo narrativo da moça, achando-se perdido na transformação natural do menino para o homem: era ou não era a mesma pessoa? Por fim, ela apontou no final do corredor de uma avenida, onde ficava de fato a casa do poeta. Joaquim quis indagá-la por que chamava-o pelo nome.

Notando que enveredava em terreno desconhecido, atravessou com cuidado o portão. Não viu ninguém pelo caminho seguiu em frente até que, de súbito, um homem com as costas curvadas e saliência velhaca, saiu de uma porta com um saco na mão e pôs na lata de lixo. Nesse instante Joaquim travou, pausando e observando o espectro que surgira em sua frente. Logo que o saco caiu nos fundos do latão, essa mesma figura ergueu a cabeça e observou-o.

— Que foi? É por causa dos nomes? Pois então, entre, entre, pode vir.

O condomínio de seu Vladimir era humilde, assim como imaginou baseado nos relatos da mulher. Foi como regressar no tempo: no meio da sala e sobre um tapete de desenho árabe uma mesa de madeira pura, muito bem conservada, e por cima dela vários papéis de diversos tamanhos, junto de

uma máquina de escrever com um escrito acoplado. Não tinha televisão. Atrás do sofá a cortina carmesim que, transpassada pela luz do sol formava uma iluminação aparentemente inspiradora para o poeta.

— Eu tinha acabado de acordar dum sonho, mas veja só, a única lembrança que tenho é do final. Tinha um camarada falando algo... Não vou te dizer. Você tem cara de ser ladrão de ideias... O mundo está muito perigoso hoje em dia, e esses poetinhos aí, querendo meter política na arte, hmph...

— Bom, me indicaram o senhor pra escolher o nome da minha filha...

— Ah... Então era isso. Pois, sente-se ali, eu vou pegar um negócio aqui. Retornou com um papel em mãos, contendo uma lista enorme de vários nomes já utilizados em outros tempos. Porém, em vista disso — apesar de haver fusões e neologismos peculiares —, Joaquim pensou em Helena ao decidir descartar todos eles, pois, consoante a exigência do casal, queriam um nome que fosse ao mesmo tempo original, docemente audível e de fácil pronunciabilidade. Vladimir constatou que tinha ali uma pessoa tão autocrítica quanto ele: cada nome dito Joaquim negava. Suplicou ao futuro pai que não desistisse, pois em se tratando da arte e, poesia especialmente, era assim mesmo, na base da tentativa, que por sua vez escolher nomes para filhos exigia tanto quanto o fazer poético. Disse e redisse com o homem conquanto desconhecesse que as negações de Joaquim não fundavam-se nalgum tipo de padrão de qualidade estética literária, senão no medo que nutria por Helena, caso chegasse em casa com um nome pago que não fosse de seu parecer. Finalmente, sentenciou Vladimir:

— Poxa, homem, então veja, teremos de fazer o seguinte: pague-me adiantado que manterei o contato contigo a cada neologismo ou palavras que eu fundir.

— Não seria melhor pagar aos poucos, nome por nome?

— Para você é melhor? Mas olha, entenda bem, vê esses papéis em cima da mesa? São resquícios de poemas mortos, palavras que quiseram ser mas não foram...

— Como espermatozoides?

— Sacaste a metáfora, mas é você quem sabe...

— Bem, isso tudo começou por causa da minha mulher. Eu queria um nome e ela queria outro, sabe como é? Todo dia a gente reservava uma horinha

pra discutir isso. Ela não queria que parentes ou amigos dessem palpites, eu também não queria na verdade, nem de estranhos, como o senhor. Mas parece que uma conhecida te recomendou ontem a ela e ela me pediu pra te achar. É que nem te falei, é só ser um nome não muito comum, mas bonito, e que seja fácil de falar.

— Tudo bem, senhor...

— Joaquim.

— Joaquim, verei se posso fazer isso o mais rápido possível.

— Seria ótimo! Falta pouco pra que nossa filha nasça e imagine só a vergonha quando as pessoas perguntarem o nome e a gente disser que ainda não tem... Vai dar nem pra certidão!

— É, só vai depender se as musas estarão comigo nesse tempo... — suspirou.

Joaquim foi-se para casa confiante de que se existia algum deus da arte, ele movia o destino para o seu benefício.

Chegou e disse para Helena como foi. Pensou, Ela não vai acreditar, mas se ela fingia ou aceitara mesmo a ladainha de Vladimir, não sabia. Helena não o viu como ele viu, e, rememorando a cena, Joaquim sentiu piedade pelo injustiçado e incompreendido poeta. Falou que bastasse que esperassem. Helena se dispôs a isso. Três dias mais tarde Joaquim telefonava para o poeta. Após umas nove chamadas, sendo a sétima e a oitava sob ameaças de Helena, o poeta atendeu para relatar, gentilmente, que descera para comprar pão. E os nomes, Estou com três, falou-os e Joaquim anotou, em seguida mostrando para a mulher. Discutiram. Helena duvidou das capacidades literárias desse tal Vladimir ao passo que Joaquim fiascava um arrependimento em sua mente. Pela manhã do dia seguinte telefonou novamente e se deparou com um poeta sonolento, sem forças para recitar até o fim um único decassílabo. Depois ao futuro pai que passou a noite às claras confeccionando mais cinco nomes. O processo se repetiu. Joaquim, assim não vai dar!

No fim de semana ele foi lá visitá-lo.

— Como anda?

— Graças a Deus, com as pernas.

— Digo, como estão os nomes?

— Pois então, homem, você não discutindo com sua mulher? Eu também estou discutindo com as minhas, e pode apostar que elas são mais exigentes que a sua. Olha, em todos esses anos, eu ainda não sei o que é mais difícil, devo te contar: se é escolher a próxima palavra de um verso ou se é escolher o nome de uma criança...

— Dá teu jeito. Você é poeta pra isso.

— Eu sei, homem! Mas é o que estou te falando: o que eu faço não é tão diferente do que vocês fazem. Imagine se vocês que são pais tivessem que prestar contas a Deus na escola de um nome. Ninguém teria filho! Ou seria cada criatura com nomeações grotescas ou plágio, plágio pra todo lado!

Convencido, Joaquim voltou para casa e pediu que a mulher fosse paciente. O trabalho de um artista é muito difícil, disse, Esse homem só está te enganando, Tenha fé, Como, tem dinheiro envolvido nisso, e por causa de um nome, Foi você quem quis, Se tivesse me escutado desde o início, Não, se você tivesse me escutado, Não começa, por favor, É você que está começando, Claro que não, é você que está defendendo aquele vagabundo, Eu defendendo ele, É, está sim, Valha-me Deus, Valha-me Deus digo eu, que que nossa filha vai responder quando perguntarem de onde veio o nome dela, ou de quem escolheu o nome, vamos responder o quê, que foi comprado, Não tem problema, a mulher lá não disse que escolheu o nome para o filho, Mas filho homem, vocês se apelidam e se xingam e não sei como ainda cai bem, e eu não vou xingar minha filha toda vez que for falar com ela, Tá bom, tá bom, espera só mais dois dias que eu verei com ele, e aí vamos ver o que fazer sobre o nome, porque se ficar ruim nós trocamos, Como, Sei lá, as pessoas não trocam de sexo, trocar de nome deve ser moleza.

Em poucas semanas a origem de todas as confusões vinha ao mundo. Entrementes Vladimir conversou com o pai, chegou a dizer, adotando a ideia de que seria melhor um nome masculino e se algum dia fosse possível para o casal, que trocassem o sexo da filha. Nem suas nereidas lusitanas ou fantasmas vitorianas lhe socorreram quando o pobre poeta tornou-se estigmatizado pelo casal.

Escolheram um nome próprio que duraria pouco. Trocariam-no, mas não no cartório: temeram esgotar a criatividade. A filha gostando ou não,

negociariam com outrem algum nome. Vladimir, que Vladimir? Talvez o poeta, o louco, ou ainda pior, o velho, como ficou conhecido mais tarde, já estivesse morto atualmente.

Há uma conectividade metafísica entre os eventos que sucedem-se na vida de alguém e tem relação direta ou indireta com o cosmos, ignomínias das quais poucos são incumbidos de captar. Esta reflexão não incutiu na mente do casal Helena e Joaquim, mas ao se encontrarem com a mãe a quem a filha trocariam o nome e questionaram-na como veio a conceber um nome tão bonito, a ponto de sentirem dó de tirá-lo daquela criança, deixou-os a pensar. A mãe, por sua vez, respondeu orgulhosa, Eu comprei de um poeta.